

BENISSOM MACHADO

Acadêmico indígena (em memória),
do povo Tukano, do curso de Pedagogia da UEA

A questão do isolamento social me fez refletir sobre vários aspectos dos quais nunca tinha vivido antes. Essa doença chegou com força total e obrigou as pessoas a mudarem seu modo de viver. Passamos a nos afastar uns dos outros para evitar a contaminação, pois ele (vírus) é um inimigo invisível. E como podemos lutar contra um inimigo que não vemos?

Eu tive que me adaptar a essa mudança, me isolando dos meus amigos e ficando em casa com meus irmãos que moram comigo. Passamos a não sair muito de casa, indo somente ao mercadinho ou padaria que fica ao lado de casa. Mas tomando todos os cuidados com a higiene e a saúde, isso não impediu que ficássemos doentes (eu e meus irmãos). Mas nos medicamos em casa e conseguimos melhorar sem ter um sintoma grave.

Eu sentia falta de andar por aí, conversar com os amigos, abraçar e etc. Mas tudo isso foi para o nosso bem. E como indígenas, temos um modo de viver diferente, pois não vivemos isolados e sim em contato uns com os outros.

Enfim, espero que essa pandemia passe e voltemos a nossa vida normal. O que mais me entristece é que estamos perdendo líderes indígenas para essa doença. Meus pais adoeceram em São Gabriel da Cachoeira e tive medo de perdê-los, mas com todo o cuidado que minha mãe teve com remédios caseiros melhoraram.

O que mais me deixa motivado é que nós estamos unidos e juntos venceremos essa doença.

DARCILENE SAMPAIO GUSMÃO

Graduanda do curso de Pedagogia pela
Universidade do Estado do Amazonas
E-mail: dsg.ped16@uea.edu.br

Começo falando um pouco do que passei nesses dias de “isolamento” devido a pandemia. No início não foi fácil, acredito que para a maioria não foi e nem está sendo.

Fiquei um mês cuidando da minha mãe, pois ela ficou muito doente, não fez exame, mas apresentou todos os sintomas da Covid-19. Além do mais, tive que me virar nos trinta cuidando do meu filho tentando acompanhar nas aulas em casa. Me vi um pouco perdida, porém, depois que “amenizou” nesse mês de junho de 2021 pude me organizar um pouco mais em relação ao “tempo”, pela manhã é uma tarefa voltada especificamente às tarefas de casa, a tarde auxílio nas aulas do meu filho e assim por diante, acredito que outras pessoas ficaram em casa, leram livros, descansaram, se exercitaram, fizeram arte, brincaram, etc.

O que sinto mais falta é de poder estar com meus amigos da faculdade, porque ficar isolada tanto tempo me deixou muito ansiosa, com insônia, acompanhava as notícias por meio dos telejornais, redes sociais. Foi através das redes que vimos nossos parentes e suas vidas, e lamentavelmente, também perdi amigos, conhecidos, e isso me deixou muito triste com aquele sentimento de total impotência. Contudo, sempre busquei forças em Deus para seguir adiante.

DIANA VICTÓRIA DE CARVALHO FARIAS

Mestranda no Programa de Pós-Graduação Letras
e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas
Licenciada em Letras pela mesma instituição
E-mail: dvdcf.mla21@uea.edu.br

O exercício da escrita sempre me desperta um sentimento duplo: de total conforto e pertencimento, de fortaleza e segurança, ao passo que também desperta um sentimento de total vulnerabilidade e ansiedade. É tão estranho escrever sobre mim mesma quanto explicar na primeira sessão de terapia o que me levou até ali.

Algo que perpassa fortemente os meus pensamentos ao organizar as ideias aqui é o contraste entre o antes, o princípio, e esse durante, que parece tão distante de um pós. Eu sempre falo que o ano de 2019 foi marcado pela distinção entre o primeiro e o segundo semestre, como se eu tivesse vivido dois anos em um... e é engraçado como as coisas se repetem e como parece que 2020 foi algo diferente antes de 15 de março do que é hoje, 22 de junho, e de fato é. Claro que de um dia para o outro tudo muda, que dirá em dois meses... mas ainda me desperta a curiosidade e a inquietação ao pensar no momento real, temporal e até mesmo espiritual que eu me encontrava antes do momento presente.

Como eu ia dizendo, as coisas foram mudando a cada novo dia, a cada novo decreto, a cada milhar que se passava e na mesma medida as coisas aqui dentro iam mudando também. Aqui dentro de casa, aqui dentro do Coletivo que eu dirijo, aqui dentro do trabalho e aqui dentro de mim. A gente sente como se a cada morte anunciada, algo morresse dentro de nós, ao passo que a gente se esforça e luta e grita e chora e pede para que a esperança continue viva. E a gente também faz silêncio... a gente se cala, a gente adormece, mas a gente continua a pedir. Todo final de dia a gente agradece pelo que foi vivido e pede pelo próximo e, um por um, a gente repete esse processo.

O isolamento muitas vezes me sufoca, me machuca, me intriga, me deixa desconfortável e me traz a sensação de que eu estou presa dentro de um daqueles armários antigos que a porta emperra quando fecha e não há frestas para entrada de ar ou de luz. O sentimento perdura por alguns dias, mas logo algo me puxa para fora, nem que seja só pra tomar fôlego antes de entrar de novo...

E o isolamento me faz sentir falta: a gente sente falta de conversar olhando no olho, gesticulando, sentindo o cheiro de óleo do R.U.. Eu pelo menos sinto.

Eu sou uma pessoa de muito contato físico, não sou de conversar tocando, mas gosto de ser tocada. Gosto de quando ficam brincando com os fiapos do meu jeans mais rasgado, sabe? Sinto falta de deitar no chão da sala depois do almoço, de subir da reitoria para a ENS; de dizer que estou na Djalma e de reclamar do dia ridiculamente ensolarado que está fazendo. Morro de saudade de

me perguntarem onde eu estou e eu dizer que estou no lugar de sempre (no cantinho da escada) e dizer que vou chegar tarde em casa porque fui jantar com os meus amigos ou porque eu tô resolvendo conflito de outra pessoa com uma terceira - geralmente amoroso. Eu sinto *muita* saudade de abraçar, de levantar da mesa quando alguém chega pra cumprimentar com todo o meu carinho, de brincar com o cabelo da minha melhor amiga enquanto ela fica rindo das besteiras que eu falo. Sinto falta das trocas de olhares no trabalho, na aula, nas reuniões. Eu sinto falta de sentir calor, mas não pedir pra não me abraçarem. Eu sinto falta de fazer meus amigos rirem alto e de ouvir alguém dizer que escutou minha gargalhada lá do hall. Tô morrendo de saudade de beber com os meus amigos, discutir política, religião, sexualidade, nosso futuro e ouvir eles dizerem que aquele momento é precioso. Tô com saudade de tomar banho de chuva, de correr para atravessar a rua e de levantar a mão no meio da aula.

Eu tô com muita saudade da minha rotina, principalmente porque ela não era regular, a única coisa fixa é que todos os dias eu era surpreendida por algo que fugia totalmente de mim.

Sempre tive muito forte que precisa morrer para germinar e que é sempre mais escuro antes de amanhecer. E eu morri muitas vezes, diversas e incontáveis vezes. Mas cada momento de ressurreição faz eu perceber que eu nunca estive tão certa. Essa madrugada parece não acabar, mas a cada passo dado, a cada momento em que canto alto no quintal com os meus pais, cada vez que vejo meu irmão voltar do hospital, cada vez que vejo meus cachorros aprenderem um truque novo, cada vez que algum amigo me diz que aquele dia eu o fiz sorrir, é como se ficasse mais perto das 6 da manhã. E de repente a madrugada fria e a tempestade tortuosa ficam menos escuras, ficam menos assustadoras. E é claro que esse ciclo se repete incessantemente. Afinal é assim que funciona a vida mesmo... tatuei uma lua para nunca me esquecer disso: a vida é feita de fases e, portanto, a gente tem que minguar para crescer.

GABRIEL MOTA LUMMERTZ

Graduando no curso de Teatro da Escola Superior
de Artes e Turismo na Universidade do Estado do Amazonas
E-mail: lummertzgabriel@gmail.com

pela noite o corpo desperta, e ainda sonolento levanta, flutua até o banheiro.
limpa a pele irritada.
com o vírus rotinas alteradas
e rituais diários criados;
para entender o avanço da pandemia – xawara¹
ficar em casa, conhecer melhor a casa
aquele que habita a residência 65
menos branca agora, desenhos em suas paredes
dos eventos reais fora do domo, o sol
a lua, aquilo que relembra a beleza
em tempos distantes,
conectados por instantes,
eu leio relato de exilados, isolados, dos meus colegas
e as mensagens chegam de madrugada
notificando uma insônia.
memórias são coisas que encontro pelos móveis
não ouça presidente, ou ministro do meio ambiente
o brasil continua sendo dos exploradores
vejo a mata pegar fogo pela tela do celular
repassando a informação entre os nossos
mas eles se fecharam em seus algoritmos
enxergando mitos rachados,
a revolta da gente nativa é resistir
habilmente, todos os dias
em um mundo em suspensão.
espectro dos centros urbanos
o vírus pode continuar aqui
e vacinas podem devolver
a chance de viver em um mundo segregado, assustado, impelido a dimensão virtual do
afeto.

¹ “A epidemia-fumaça libertada do fundo da terra pelos homens brancos que destroem a floresta para extrair minérios”. Segundo Davi Kopenawa, a xawara é uma força sobrenatural capaz de deixar o plano físico e espiritual doentes. Fonte: https://www.indios.org.br/files/file/PIB_verbetes/yanomami/xawara.pdf

GABRIELLA DOS SANTOS PAIVA

Graduada no curso de Licenciatura em Pedagogia
pela Universidade do Estado do Amazonas
E-mail: gabriellapaiva139@gmail.com

Eu recebi a notícia da chegada do primeiro caso da COVID-19 em Manaus-AM quando peguei alta médica no dia 11 de março de 2021, do *Instituto da Mulher Dona Lindú* (hospital/Maternidade), localizado na rua Recife, ao lado do Hospital 28 de Agosto. Os médicos estavam liberando alta médica para todos os pacientes que estavam em situações estáveis pois no hospital já havia pessoas com suspeita de caso da COVID-19.

Com a suspeita de COVID-19 no hospital, o local entrou em caos pois os médicos, enfermeiros e todas as equipes que trabalhavam nele estavam com muito receio de tratar de algo “desconhecido”, tudo o que o povo Manauara sabia sobre esse vírus era algo muito superficial. No início disso tudo, confesso que não dava a devida importância e nem imaginava a grau de perigo em relação a Covid-19.

Presenciar a morte de alguns vizinhos, amigos e familiares inclusive de meu avô, senti um mix de sentimentos como medo, angustia, ansiedade a dor prevalecia sobre todas elas. Após tantos casos de conhecidos mortos comecei a temer. Meu avô Antônio faleceu no dia 25 de maio de 2020, por volta das 02h da madrugada de segunda-feira, em decorrência desse vírus.

Antônio (meu avô) morava em Maués-AM e eu em Manaus, e por conta dessa distância a dor parece que foi em dobro por eu não conseguir me despedir. O vírus levou meu avô e com ele suas histórias tão fantasiosas, o homem que viu a mula sem cabeça que conversou com o boto em sua forma humana, que lutou com a onça braba e venceu, perdeu a luta para a COVID-19.

Meu avô (Antônio) me criou durante a minha infância na comunidade Lago das garças localizado em Maués-AM, próximo ao rio paraná do Urariar de cima, e com a afirmação de sua morte eu perdi meu segundo pai, melhor amigo e parte da minha felicidade. Antônio (meu avô) era indígena e pertencia ao povo Karawk Karajaí falante de sua língua.

GRACIETE BALTAZAR CALISTRO

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia
pela Universidade do Estado do Amazonas
E-mail: gbc.geo18@uea.edu.br

Antes da pandemia, o meu dia-dia era totalmente diferente, eu tinha liberdade pra sair pra qualquer lugar, e nem imaginava que estava vindo uma doença tão avassaladora e mortal, que iria colocar a humanidade em isolamento, e essa doença fez com que o mundo parasse, talvez por algum motivo ou até mesmo por vários motivos porque nada acontece por acaso tudo tem um propósito. Então, irei contar um pouco da minha rotina antes da pandemia, a minha vida naqueles dias estava um pouco tenso talvez por causa da correria que estava acontecendo, não estava tendo tempo para conversar com meus filhos e muito menos para me divertir, saía muito cedo de casa para a faculdade de segunda- feira a sexta - feira, e da faculdade já ia direto para o estágio só retornava pra casa às 17 horas muito cansada, chegando em casa ainda tinha que fazer as atividades domésticas, por não haver ninguém para fazer, tinha que ser eu mesma não porque moro só, mas as pessoas que moram comigo também fazem faculdade e saiam cedo para a faculdade só retornavam à noite, então por conta disso não tinha como eles me ajudassem durante a semana nos deveres de casa, o tempo que eles tinham só aos sábado e aos domingo e nesses dias eles me ajudavam nos deveres de casa, no entanto nós precisávamos também de tempo para estudarmos e para fazermos exercícios etc... era assim antes da pandemia.

Então, desde o início da pandemia, agora a minha vida atualmente é ficar em casa isolada juntamente com meus filhos e sobrinhos cumprindo as regras do isolamento social, passei por um momento muito difícil, duas pessoas da família adoeceram com o coronavírus, meu filho teve melhoras mais rápido, mas a outra pessoa passou mais de trinta dias muito doente, quase foi a óbito, nesses dias fiz muito remédio caseiro, como chás, xarope caseiro e outros, mas com a graças de Deus ela venceu, nesse momento lembrei dos outros meus filhos que não estão aqui comigo, fiquei bastante preocupada e muito medo que essa doença atingisse eles, nesses dias chorei muito, porque eu estava vendo a doença não era brincadeira. Hoje nas minhas orações peço à Deus que nos livre e nos proteja dessa doença. Agora estou mais tranquila por saber que a minha família estão bem, espero que eles fiquem bem até encontrarem a cura dessa doença, até porque nós não estamos livres dessa doença. Hoje estamos com medo, estamos sem saber como agir para caminhar, é o novo mundo, onde tudo está diferente, onde precisamos nos reinventar.

Portanto, agora tenho mais tempo para conversar com os meus filhos, acompanhar informações na TV, faço leitura e exercício físico em casa a pedido do meu filho. Ele é um dos acadêmicos da área de saúde na UEA, então, meus dias estão sendo dessa forma.

FRANCISCO BRAGA MARICAUA

Acadêmico do curso de Licenciatura em
Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas
E-mail: fbm.ped16@uea.edu.br

Durante a primeira quinzena de março eu fiquei muito triste e assustado com a covid-19. Sem saber o que fazer, logo procurei ocupar a mente juntamente com as minhas filhas, e fui produzir artesanato com semente de tucumã, vaso com resto de cerâmica para colocar plantas, fiz uma nova fossa sanitária na minha casa, dias depois fui trabalhar com o meu cunhado que é eletricista, fui puxar fio em um prédio residencial. Dias depois de começar a trabalhar fiquei muito doente, eu não conseguia dormir à noite, pois a tosse era constante, febre alta, falta de ar e dores em todas as articulações.

O meu maior medo era perder pra covid-19 alguém da minha família e amigos mais próximo de mim, logo eu imaginei largar tudo e voltar para o meu lugar de origem e me isolar, mas logo vir que não iria adiantar me isolar e deixar a minha família para trás e depois acontecer algo na minha ausência e me arrepender. Pois esse é um momento muito difícil que estamos vivendo, e durante esses três meses, perdi pra covid-19 quatro tios e dois primos, tive que cumprir o pedido da OMS: usar máscara e álcool em gel para se proteger.

Dias depois os governos estaduais e municipais baixaram o decreto fechando escolas públicas e particulares, universidades, comércios e empresas, e isso está causando prejuízo para todos, tudo isso é assustador e deixando as ruas da cidade de Manaus desertas, e pessoas morrendo por falta de leito em hospitais.

Cheguei ao ponto de chorar desesperadamente ao ver pelos jornais. O número de mortos que eram enterrados coletivamente, e ainda para completar, temos um presidente que não valoriza a vida de toda uma nação e ainda viola as leis da Organização Mundial de Saúde.

Eu particularmente nunca vi nada igual, para mim estava começando uma terceira guerra mundial, mas sei que não posso parar ou me isolar e deixar de lado meus parentes e amigos, pois eles precisam de alguma forma da minha ajuda nesse momento difícil do isolamento.

LUDIMAR NUNES GONÇALVES

Graduando no curso de Ciências Contábeis na
Escola de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Amazonas
E-mail: lng.cic18@uea.edu.br

Em 17 de março de 2020, pararam as atividades de atendimento no meu trabalho e também na universidade, por conta da pandemia do covid19, eu particularmente já vinha acompanhando o avanço desse novo vírus pelo mundo e o rastro de destruição das famílias mundo a fora.

No meu trabalho ficamos parados por duas semanas sem nenhuma atividade externa, logo surgiu a campanha puxirum manauara da caritas arquidiocesana de Manaus que tinha a finalidade de arrecadar cestas básicas junto as suas pastorais, no dia 11 de abril a minha equipe entra em ação por uma semana, logo fico escalado para auxiliar as outras equipes, a campanha arrecadou aproximadamente 3000 mil cestas básicas. Onde conseguimos atender diretamente 1059 famílias indígenas de 25 comunidades de Manaus e entorno.

Em 04 de maio de 2020 surgiu a campanha indígena contra o covid19, idealizada por professores da UEA- Universidade do estado do Amazonas, UFAM- Universidade Federal do Amazonas e Coordenação da COPIME- Coordenação dos Povos Indígenas de Manaus e entorno, que arrecadou 611 cestas, álcool e outras doações na primeira etapa, fiquei responsável da logística das duas campanhas e ao mesmo tempo, também responsável por receber e entregar para as comunidades, período esse muito cansativo e estressante por vários motivos, mais conseguimos vencer! Hoje ainda continuamos fazendo as entregas de cestas que foram arrecadadas através de projetos juntos a parceiros do exterior, na última semana estivemos fazendo a ação humanitária no Rio Cuieiras e Rio Negro, atingindo 6 comunidades e continuaremos até o final dessa pandemia.

Portanto, nesse período em que várias famílias perderam seus entes, e o medo que assombrou a todos, nos traz um misto de alegria e tristeza, mas nos dá esperança de dias melhores para todos.

LUIZ DAVI VIEIRA GONÇALVES

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas
 Professor do curso de teatro da Universidade do Estado do Amazonas – UEA
 E-mail: luizdavipesquisa@hotmail.com

A pandemia chegou em Manaus:
 Ei professor amanhã já estará tudo fechado! Não haverá aula.
 Respondo: Mesmo? Mas deve ser rápido, o Estado não seguro a economia.
 Alunos: professor como vai ficar? E as aulas? E o semestre?
 Respondo: agora não sabemos de nada. Vamos esperar! O amanhã não esta a venda!

Em casa!
 Silêncio...
 Silêncio...
 Silêncio...
 Reflexão: vou ler os livros que nunca tenho tempo e escrever o pós doutorado.
 Silêncio...
 Silêncio...
 Escrita...
 Silêncio...
 Escrita...
 Reflexão: saudade dos meus pais... saudade da minha filha.
 Escrita...
 Escrita...
 Escrita...
 Escrita...
 Silêncio...
 Reflexão: Preciso me organizar. Organizar o tempo e voltar a malhar... hummm vou ler.
 Leitura...
 Leitura...
 Leitura...
 Almoço...
 Escrita...
 Escrita...
 Escrita...
 Meditações...
 Meditações...
 Reflexão: muita gente morrendo... isso não pode chegar nos indígenas. Chegou! Vamos ajudar.

Campanha...

Campanha..

Leituras...

Leituras...

Leituras...

Almoço...

Escrita...

Escrita...

Silêncio...

Silêncio...

Reflexão: mortes... amigos e amigas... indígenas! E agora? E meus pais? E minha filha? Aeroporto fechado. Não tem como ir, ligo, internet... Lives...

Leituras...

Leituras...

Leituras...

Escrita...

Escrita...

Silêncio...

Silêncio...

Danço...

Danço...

Danço...

Reflexão: o telefone toca. Ketehe professor? Aqui em Maturacá tem Ysanonami com xawara covid-19. Desespero!! Rede pesquisadores – Luta contra o vírus.

Leituras...

Leituras...

Leituras...

Escrita...

Escrita...

Silêncio...

Silêncio...

Reflexão: reuniões da UEA sobre ensino a distância. Mortes... mortes... mortes... ensino...

Leituras...

Leituras...

Escrita...

Escrita...

Escrita...

Silêncio...

Silêncio...

Reflexão: Vocês serão obrigados a trabalharem na modalidade a distância! Morte... Mortes... Triste! E os alunos no interior? Ensino! E os alunos sem

condições sociais? Ensino! E os alunos sem condições psicológicas? Ensino! Morte pessoal... Fuga: família, cerrado, céu, pai, mãe e filha!

Avião...

Avião...

Avião...

Goiânia...

Goiânia...

Goiânia...

Reflexão: Amo! Amo! Amo! Gratidão pelo afeto. Lookdown! Preocupação!

MARGARETH BOTERO DIAS VAZ

Graduanda do curso de Licenciatura em Letras
Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas
E-mail: mbdv.let18@uea.edu.br

No ano de 2020, meus planos eram tantos, mas Deus sabe o que faz. Quando começou a quarentena, no começo foi bom estar ao lado da família, mas como o tempo foi passando, fiquei com as emoções à flor da pele, fui me sentindo sufocada e passei por três estágios da quarentena.

No primeiro deles, como já dito, tudo me sufocava, pois estava acostumada a ficar o dia todo fora de casa e chegar de noite, estava trocando o dia pela noite e isso estava me deixando angustiada e não estava conseguindo manter as responsabilidades da casa.

O segundo momento foi quando a bendita doença chegou em São Gabriel. Passei por um sentimento de impotência, tristeza e aflições, pois uma semana antes da quarentena os meus pais viajaram para lá. Enquanto não se tinha notícia da doença em São Gabriel, estávamos aliviados e em paz. Minha irmã dizia: foi bom os nossos pais terem voltado para casa deles, mana.

Mas quando ouvimos que a doença tinha chegado em São Gabriel foi abalador. Tive medo de perder os meus amados pais, mas Deus sempre esteve comigo nos momentos de aflição, ao meu lado, me segurando para não cair em desespero, pois eu sou a coluna das emoções entre as minhas irmãs e irmãos. Eu estava sempre dando uma palavra de conforto para elas, mas somente eu e Deus sabia das minhas emoções, Deus falou comigo dizendo que tudo ia ficar bem com meu país e que nada ia acontecer com a minha família: somente confia no Deus que você adora. Então, eu descansei no senhor e confiei nele.

O terceiro momento foi de muita aprendizagem em saber que o poder do homem e a soberba é insignificante aos olhos de Deus. Os homens são frágeis, e não importa a cor. Pode ser branco, negro ou índio, somos apenas pessoas mortais.

Aprendemos que estamos no mundo diferentes uns com os outros, pessoas que lutam por democracia e outros não se importam. E que devemos ser mais humanistas uns com os outros.

PROVÉRBIOS 22:4

O GALARDÃO DA HUMANIDADE E O TEMOR DO SENHOR SÃO RIQUEZA, E HONRA, E VIDA.

POVO:
#DESANO

MARINEUSA GRANJEIRO DOS SANTOS

Graduanda em Letras - Língua Portuguesa pela
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
E-mail: mgds.let18@uea.edu.br

No ano de 2020 algo totalmente catastrófico aconteceu, um vírus invisível expandiu-se por toda parte do mundo causando diversas mortes, ou sequelas às pessoas que sobreviveram. Tudo começou no Brasil, no mês de março do ano de 2020, em Manaus foi detectado o primeiro caso de coronavírus, no entanto logo foi noticiado que tratava-se de uma notícia falsa, ou seja, para todos os efeitos o vírus não estava entre nós, porém essa notícia estava equivocada, pois o vírus, na verdade, estava presente. Dessa forma, algumas medidas de prevenção foram tomadas. As aulas na minha faculdade foram suspensas, por tempo indeterminado, nesse momento o caos iniciou na minha vida, longe das aulas e dos amigos, somados com o sentimento de medo, minha vida tomou rumos diferentes do que eu tinha planejado. Fiquei em isolamento com a minha família, no distrito de Cacau Pirêra - Iranduba, foi um processo muito difícil, pois passar 24 horas no mesmo ambiente diversas vezes pode enlouquecer alguém, por isso tentei fazer algumas atividades para tentar ocupar a mente: pratiquei exercícios físicos em casa mesmo, trocava algumas ideias com a minha amiga Karol, nós trocamos dicas de exercícios físicos e falávamos sobre as angústias, além disso, indicamos livros uma para outra, esse diálogo foi muito importante, com essas trocas de mensagens e videochamadas nós conseguimos passar por esse momento difícil.

Apesar das conversas com amigos e familiares, o sentimento de solidão era constante, isso não era normal, mas eu sabia que não estava sozinha, apesar de me sentir assim. Uma pessoa especial surgiu na minha vida antes da pandemia e ficar distante dele foi muito doloroso, principalmente para um início de um relacionamento, entretanto tentávamos manter contato sempre, apoiando um ao outro, no que fosse possível. Meus irmãos também conversavam muito comigo, sobre o quanto nossas vidas tinham mudado, isto é, tínhamos uma rotina, a minha era: casa, academia, faculdade reuniões do projeto de extensão, reunião de amigos na praça da ENS (Escola Normal Superior), sempre com alguma comida, um café e muitas risadas, era uma vida feliz, sinto falta do contato com outras pessoas. Durante o isolamento social para manter-me informada sobre o coronavírus, assistia o jornal na televisão o número de mortes aumentava todos os dias, primeiramente existia um grupo de risco (que eram os idosos), mas em pouco tempo o vírus era letal para todos: jovens, crianças e idosos para contrair o vírus não existia um grupo específico de risco. Eu ficava apavorada, tinha medo de morrer e perder meus familiares, amigos e pessoas próximas. Infelizmente o medo começou a se tornar realidade, perdi meu avô, parecia que eu estava num

pesadelo, eu não acreditava que de fato, ele tinha morrido, foi tão rápido, eu não pude me despedir, definitivamente foi um adeus fora de hora.

Depois de tantas angústias e sofrimentos, uma esperança surgiu, consegui uma bolsa de estágio, em Manaus, fiquei feliz por ter conquistado uma bolsa, pois a minha situação financeira melhorou um pouco. Em pouco tempo voltei para Manaus, fiquei na casa do meu pai, lá é um pouco difícil, pois não tenho espaço para estudar, mas como as aulas ainda estavam suspensas eu conseguia manter-me naquele ambiente, mas depois de um período as aulas começaram e eu precisei retornar para minha casa, no Cacau Pirêra, então comecei uma rotina: Cacau Pirêra, Manaus e estágio. No entanto, era inviável, porque eu tinha muitos gastos de passagens, desta forma não tinha condições, então eu e minha irmã, Mariza Granjeiro decidimos alugar um lugar para morarmos juntas em Manaus, ela tem um emprego, eu, um estágio e juntas conseguimos um lugar, mas passamos por dificuldade não tínhamos móveis e tivemos que nos endividar um pouco, para organizar o nosso lugar, foi um processo longo e difícil ainda é, contudo conseguimos nos organizar. Logo, um novo período iniciou na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) na unidade: ENS (Escola Normal Superior), já na minha nova casa tinha um lugar para estudar, as coisas tomavam um bom rumo, porém a volta às aulas foi extremamente difícil, pensei em desistir algumas vezes, mas encontrava forças com amigos e familiares. O primeiro período, nesse cenário de pandemia terminou, entramos de férias e felizmente consegui passar em todas as disciplinas, finalmente recesso. Por fim, esse processo de aulas, e depois recesso continua e com muita luta consegui passar nas disciplinas, além disso, uma esperança de um recomeço surgiu, as vacinas foram produzidas, demorou muito para chegar no Brasil, mas chegou e eu consegui me vacinar, passei por todas essas dificuldades e sobrevivi! Ainda não estamos livres do vírus, tivemos que reaprender a viver nessa nova realidade.

OSMAR PANTOJA DA SILVA JÚNIOR

Graduando no curso de Letras da Escola Normal Superior
da Universidade do Estado do Amazonas
E-mail: opdsj.let16@uea.edu.br

A primeira memória que me veio à mente foi quando ocorreu a primeira morte pelo vírus em Parintins, no final de março de dois mil e vinte. Na cidade do interior onde moram quase todos os meus parentes, a notícia que veio naquele final de noite caiu a ficha. Definitivamente não estávamos vivendo tempos normais. Uma coisa é o que acompanhamos diariamente na televisão e nos nossos celulares. Numa sociedade que relativiza o horror, como é mostrado nas manchetes diárias dos jornais, dormimos com a certeza de que esse tipo de coisa jamais acontecerá com nossos entes mais próximos. A partir daí, nossas vidas foram adaptadas ao ponto de pensarmos em um dia depois do outro. Porque, se alguém chegasse infectado pelo vírus na nossa casa, meus familiares provavelmente passariam por momentos bastante angustiantes. E dessa forma, seguimos até hoje, sem a perspectiva de que a gente possa retomar as rotinas que nós tínhamos. Porém, pessoalmente falando, o isolamento prolongado se tornou muito mais um convite à reflexão, do que qualquer outra coisa. Sobre a vida que eu tinha, e a vida que buscarei no pós-pandemia. Como diz aquele velho clichê, agora idiotizado por alguns setores da sociedade “toda crise traz uma oportunidade”, resta-nos a esperança de novas oportunidades para uma mudança social de mentalidade, porque, se tem uma coisa que a pandemia nos ensinou, é que o ser humano é tão frágil quanto um castelo de areia.

RAYANNA MAURÍCIO DOS SANTOS

Acadêmica do curso de Letras - Língua Portuguesa
pela Universidade do Estado do Amazonas
E-mail: rms.let18@uea.edu.br

Já escrevi memórias literárias e memórias musicais, mas nunca passou pela minha cabeça (pelo menos até o momento) escrever memórias de isolamento. Quando tudo isso começou, lá pela metade do mês de março, eu não fazia ideia de que fosse ser tão longo assim.

Primeiro, pensei que o vírus nem chegaria aqui, no entanto, ele chegou. Chegou de uma tal maneira que me fez perceber que não temos controle de tantas coisas. Chegou levando pessoas tão próximas e pessoas tão distantes, que só ficamos sabendo da perda pelo jornal; principalmente quando foram reduzidos em números estatísticos.

Ao passar dos dias alternando entre o desconforto com a situação e o contentamento em ficar em casa, pude aproveitar a companhia dos meus familiares. Fizemos tudo aquilo que a correria cotidiana não nos permitia fazer. Apreciei sem pressa o quintal de casa, datas comemorativas, o céu e tudo aquilo que me parecia comum, mas que na verdade, são presentes do hoje.

Rayanna Mauricio dos Santos,
em 23.06.2020

VIVIANE PALANDI

Acadêmica do curso de Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas

E-mail: vp.tea19@uea.edu.br

“Quando a mulher se viu diante da grande tempestade de poeira no ar, estava sentada no ônibus 444 que saía do centro e seguia ao bairro Monte das Oliveiras. A primeira coisa que a mulher fez foi descer do ônibus, a segunda foi tirar a sua bolsa da Universidade, a terceira foi deitar no chão e esperar. Assim a mulher respeitou a tempestade, reduzindo à sua menor grandeza. Colocou-se pequena diante ao invisível concreto”. (*Parágrafo inspirado na peça didática “A exceção e a regra” de Bertolt Brecht*)

Escrever palavras que deem contorno ao isolamento social provocado pela pandemia do COVID-19 é uma tentativa sensível. Digo tentativa, pois mensurar a dimensão dos efeitos íntimos e coletivos é – para mim – um revoar de memórias que pairaram, pairam e pairarão sobre nós durante nossas vidas em curso.

Gosto de rebuscar as palavras quando falo sobre tragédias, pois a poesia a deixa mais suave, mas não menos densa.

Palavras-cruas

Palavras-cruéis

Palavras-injustas

Palavras...

Palavras que não mais cabem no meu (.....)na mina boca.

Sei que meus pensamentos já não são mais os mesmos, às vezes acho que não, gosto de pensar que não, pois a tragédia me tornou mais uma vez humana, e ao tocar a carne me colocou para sentir – mais uma vez - a presença da morte.

Primeiro vou trazer uma esfera pessoal, é o lugar em que posso ser mais honesta, ou não. Mas vou fazer uso da poesia – sempre a chamo – para conseguir expor camadas subjetivas. Acho que eu só consigo fazer isso, me misturar na subjetividade para salvar e decifrar a mim mesma.

Durante os três primeiros meses do isolamento estive hospedada na casa de uma querida amiga (na cidade de Manaus/AM), juntamente com seu marido e sua cachorra. Hoje (momento que escrevo essa memória), me encontro na casa da minha mãe em Santo Antônio de Posse/SP. Durante a hospedagem fui muito acolhida e todos os dias me colocava em postura de respeito às pessoas que estavam se colocando para ajudar a vida, colocando as suas em risco. Pensava nas mulheres-guerreiras que há tempos estão cuidando de muitos de nós, filhos e filhas órfãs do mundo, lembrava dos (das) esquecidos(as) sociais que estão em isolamento durante toda sua vida, e junto e misturado sentia - e sinto -uma tamanha fúria e desgosto em ver um indivíduo que preside um país, brincando

com ele...em nome de que? Me sentia pequena e impotente. Até que um dia eu falei para o universo: me coloque onde eu possa ser útil! E ele me colocou.

Agora pela ótica da esfera coletiva: Estou no Amazonas por muitos chamados, mas o mais concreto é o ingresso à Universidade Estadual do Amazonas. Então fiz dela um ponto de apoio durante o isolamento. Coloquei-me a estudar, a escrever, a pensar coletivamente junto aos estudantes e como presidente do Centro Acadêmico de Teatro me coloquei para apoiar o movimento estudantil em suas necessidades. Foram várias ações e continuam sendo, elas me tomam os dias. A pandemia fortaleceu minha fala como estudante trouxe a força do espírito da Universalidade – essa que propõem com a palavra Universidade – para dentro de mim. Tenho aprendido na prática e no corpo o exercício da função política de uma mulher estudante ativa que se coloca a serviço do espírito da Universalidade. Não é simples, e acho que nem é para ser, mas é na prática que a busca ganha corpo e sentido.

E é nessa prática que conheci palavras como transexperiências. Que haja mais ela. Também elucidou meus olhos para não se deixarem ser naturalizados, ampliando minha busca durante a trajetória acadêmica.

(som de maracá) Choro com vocês *(povo originário)* com tantas mortes, a emoção me toma, a morte assusta e impulsiona à vida, essa que me convoca todos os dias para estar presente.

O isolamento me tirou das ruas, mas não tirou minha coragem.